

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE JORNALISMO**

**RAFAELA PELOZI DE MENEZES**

**+1 JORNALISTA CONTRA O ASSÉDIO:**

**AS CONSEQUÊNCIAS QUE O ASSÉDIO PODE CAUSAR NO  
PSICOLÓGICO E NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO DE JORNALISTAS**

**(PODCAST)**

**SÃO PAULO**

**2º SEMESTRE – 2020**

**RAFAELA PELOZI DE MENEZES**

**+1 JORNALISTA CONTRA O ASSÉDIO:**

**AS CONSEQUÊNCIAS QUE O ASSÉDIO PODE CAUSAR NO  
PSICOLÓGICO E NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO DE JORNALISTAS**

**(PODCAST)**

Relatório de Realização do Produto apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie como parte dos requisitos à obtenção do título de Jornalista.

Orientador: Prof.º Ms. Fernando Pereira da Silva

**SÃO PAULO**

**2º SEMESTRE – 2020**

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.



<https://rafaelapelosi.wixsite.com/maisumajornalista> e <https://anchor.fm/rafaela-pelozide-menezes>

Data de upload – 20/11/2020

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer a minha mãe, uma mulher incrivelmente forte e batalhadora que está ao meu lado em todos os momentos, que trabalha manhã, tarde e noite para dar a mim e ao meu irmão uma educação de qualidade. Eu não chegaria sozinha aonde cheguei se não fosse pela minha família, principalmente pelo esforço da minha mãe, e do meu pai, que de algum modo se fez presente, e que ficaria extremamente feliz e orgulhoso de me ver formada na faculdade.

Depois, agradeço a equipe de professores do curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Em especial, ao meu orientador Fernando Pereira, por me apoiar totalmente e me instruir em todas as escolhas para realização deste projeto. A professora Denise Paiero, que começou a me direcionar ao tema na aula de projetos no 6º semestre e a professores como Vanderlei Dias que sempre acreditaram em meu potencial como aluna e como profissional durante a graduação. Gostaria de deixar um agradecimento especial às professoras do curso de Jornalismo pela dedicação e exemplo como profissionais e mulheres dentro e fora da faculdade.

Ao meu querido amigo, Gabriel Beleze, que sempre esteve presente na minha vida durante esses quatro anos de faculdade, e espero que permaneça por muito tempo ainda.

Aos meus colegas de trabalho do NPDA/TV Mackenzie, pelo apoio pessoal e profissional ao decorrer da produção deste projeto.

E um agradecimento mais que especial as minhas fontes: Ivy Farias, Pollyane Marques e Laís Emanuelle Borba de Brito, que me abraçaram virtualmente e disseram que tudo ia ficar bem.

## RESUMO

Este trabalho gerou a produção de um *podcast* que teve como finalidade mostrar, analisar e debater as consequências que o assédio pode causar no psicológico e no exercício da profissão de mulheres jornalistas dentro e fora das redações - seja assédio por superiores, colegas de trabalho ou fontes. O que também gerou a discussão de diversos tópicos dentro de um mesmo tema - a importância em identificar e abordar o assunto, visibilidade e denúncia, sororidade feminina e cultura machista. O *podcast* possibilitou um ambiente de apoio e compartilhamento de experiências, dando voz e liberdade para as jornalistas dividirem seus relatos e opiniões umas com as outras, e para as outras, sobre o tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** *podcast*; jornalistas; mulheres; assédio

## ABSTRACT

This work generated the production of a *podcast* that had the opportunity to show, analyze and debate the consequences that harassment can cause in the psychological and in the exercise of the profession of women journalists inside and outside the newsrooms - issues like be it harassment by superiors, co-workers or sources. This also generated a discussion of several themes within the same topics, such as: the importance in identifying and addressing visibility, visibility and denunciation, sorority and sexist culture. The *podcast* provided an environment of support and sharing of experiences, giving voice and freedom for journalists to share their reports and opinions with each other, and for others, on the topic.

**KEY-WORDS:** *podcast*; journalists; women; harassment

“Existe uma maré nos casos dos homens.  
Que, tomadas com o dilúvio, leva à fortuna;  
Omitido, toda a viagem de sua vida  
É ligada nos baixios e misérias.  
Em um mar tão cheio estamos agora flutuando,  
E devemos pegar a corrente quando ela  
atende,  
Ou perder nossas aventuras.”

Brutus em "Júlio César", Ato 4, cena 3, 219 - 225. William Shakespeare.



## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	10
<b>1. Referencial Teórico</b> .....	12
1.1 Trajetória das mulheres no jornalismo brasileiro.....	12
1.2 Assédio no mercado de trabalho e suas consequências.....	14
1.3 Podcast.....	16
<b>2. Desenvolvimento da peça</b> .....	18
2.1 Escolha do tema e da peça.....	18
2.2 Estilo e linguagem da peça.....	20
2.3 Pauta e fontes.....	21
2.4 Equipe.....	22
2.5 Disponibilização.....	22
<b>3. Considerações finais</b> .....	22
<b>4. Referências bibliográficas</b> .....	24
<b>Apêndice I – Autorização do uso de voz</b> .....	28
<b>Apêndice II – Autorização de uso: trecho do vídeo e campanha “Deixa ela trabalhar” no <i>podcast</i></b> .....	28
<b>Apêndice III – Autorização de uso: trecho do vídeo e campanha “Jornalistas Contra o Assédio” no <i>podcast</i></b> .....	29

## Introdução

A realização deste trabalho, que tem uma função social importante e de grande relevância, gerou um *podcast* que retratou e discutiu a realidade de muitas mulheres jornalistas que sofrem assédio constantemente e as consequências que esta violência gera no psicológico e no exercício da profissão; mudando ou até interferindo a atuação profissional e a relação das mulheres com o trabalho.

O objetivo deste material é propagar e discutir os altos índices de assédio sofrido por jornalistas, colocando em pauta como o espaço de fala para mulheres é importante e necessário para ajudar umas as outras dentro e fora da profissão, e também no combate à discriminação e violência de gênero em todos os âmbitos, principalmente no ambiente de trabalho, tentando promover assim, a equidade entre sexos.

As entrevistas com mulheres jornalistas sobre o tema foram um fator primordial para enxergar e ter um panorama sobre esse cenário. O *podcast* “+1 jornalista contra o assédio” foi criado para que em cada episódio um foco, sobre o mesmo tema, possa ser ampliado e discutido. No primeiro episódio, o debate pretendeu entender o pós-assédio, e com a mediação da apresentadora, as jornalistas dividiram suas experiências em relação ao assédio e o que acham sobre o assunto.

A metodologia foi feita com material bibliográfico, artigos, matérias, movimentos na internet e pesquisas sobre o tema, verificando principalmente os resultados da pesquisa “Mulheres no Jornalismo Brasileiro”, divulgada em fevereiro de 2018 e feita pela Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) e o portal Gênero e Número, na qual foram entrevistadas 500 profissionais de 217 veículos de comunicação diferentes no país, que além de outros resultados, mostrou que 83,6% das jornalistas já sofreram algum tipo de violência psicológica nas redações e 73% das entrevistadas, já escutaram comentários ou piadas de natureza sexual sobre mulheres no ambiente de trabalho. Além disso, 64% das jornalistas disseram que sofreram abuso de poder ou autoridade de chefes ou fontes.

Uns dos movimentos que começou a ganhar repercussão na internet sobre assédio no mercado de trabalho jornalístico foi o “Jornalistas Contra o

Assédio”. O coletivo surgiu 2016 após uma repórter do portal IG ser demitida por denunciar o assédio sofrido durante uma entrevista com o cantor de funk Biel. Na ocasião, ele fez comentários de cunho sexual à estagiária Giulia Pereira de 21 anos, usando termos como “gostosinha” e disse que a “quebraria no meio” se eles tivessem relações sexuais. Apesar do portal de notícias ter declarado apoio a jornalista inicialmente, e até de queixa registrada na Delegacia da Mulher, a mesma foi demitida um mês depois do ocorrido.

Esse caso mobilizou a criação da *hashtag* e coletivo #jornalistascontraoassédio, que impulsionou outras jornalistas a relatar casos de assédio na profissão nas redes sociais (*facebook* e *twitter*), e abriu a discussão sobre o assunto. Outro semelhante que ganhou força em 2018 foi o “Deixar Ela Trabalhar”. Esse movimento começou após uma série de casos de assédio no jornalismo esportivo ser expostos. Um fato publicamente marcante foi o ocorrido durante uma cobertura ao vivo de uma partida de futebol, onde a repórter Bruna Dealtry, do canal Esporte Interativo, foi beijada sem consentimento por um torcedor/fonte.

Mesmo as denúncias sendo tímidas perto dos dados sobre assédio no mercado de trabalho jornalístico, a proposta das campanhas é expor a gravidade do problema e lutar por melhorias no que diz respeito à atuação profissional das mulheres, ainda muito desrespeitadas e desvalorizadas no meio jornalístico.

Além disso, a junção de um material bibliográfico que analisa a trajetória da mulher no jornalismo, e a importância da discussão do tema assédio e discriminação, que sempre esteve presente na profissão.

Segundo Koshiyama (2001), a história das mulheres no jornalismo brasileiro desde o início foi restrita a algumas áreas do conhecimento consideradas de pouca importância e influência para os homens. A presença no mercado jornalístico era claramente discriminada e sua posição na sociedade, ocupando espaços públicos e privados, por meio de uma tendência histórica patriarcal e machista; marcou, delimitou e definiu a figura feminina durante muitos anos.

O *podcast* foi escolhido como peça para ampliar a disseminação do assunto no meio jornalístico, que vem trabalhando cada vez mais com essa plataforma para propagação de notícias e informações. Deste modo, o intuito da

escolha foi se destacar neste nicho dentre outros meios de comunicação e de mídia que já abordaram, de algum modo, o conteúdo deste trabalho.

O formato *podcast*, o que ele é, representa, e sua ocorrência no Brasil foi mais bem compreendido por meio dos livros - "Podcast: guia básico" do Leo Lopes (2015) e "Reflexões sobre o podcast" de Lucio Luiz (2014). Os artigos: "A "geração podcasting" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento", de Micael Herschmann e Marcelo Kischinhevsky (2009). "O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais", de Lucio Luiz e Pablo de Assis (2010) e "Para além da emissão sonora: as interações no podcasting" de Alex Primo (2005). Além da PodPesquisa, disponibilizada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPod) e resultados do IBOPE Inteligência, por meio de divulgação na revista Piauí.

## **1. Referencial teórico**

### **1.1 Trajetória das mulheres no jornalismo brasileiro**

Segundo Rocha (2005), que analisa o processo de profissionalização e a feminização do jornalismo, houve um aumento de mulheres na carreira a partir do final da década de 1930, mas de maneira pouco expressiva e com muita discriminação contra a mulher, só mudando a partir da década de 1970. Ribeiro (1998) conta alguns relatos e dados que afirmam o assunto datado entre 1937 a 1997.

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No "Estadão", à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servia para fazer o café: circulava na área de serviço. (RIBEIRO 1998, p.31).

Bourdieu (1999) traz pontos importantes para justificar isso, como por exemplo, a saída da mulher do lar para o mercado de trabalho. O que ocorreu foi que a dominação e opressão que as mulheres sofriam do sexo masculino

no âmbito doméstico tinha que, de algum modo, continuar acontecendo em algum lugar. O local de discriminação, assim foi transferido do lar para o trabalho, sendo praticado não apenas só por parceiros, mas também por colegas de profissão que não as respeitavam como igual.

De acordo com Rocha (2005), durante o começo da profissionalização da carreira de jornalismo, que ocorreu com o início dos sindicatos, associações, faculdades e obrigatoriedade do diploma, aconteceu simultaneamente um aumento feminino neste mercado, em meados da década de 30 e 40 no século passado. Em 1986, as mulheres representavam 36% do setor. Em 2006, elas representavam 52%, segundo dados do Ministério do Trabalho.

Dados da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro – características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico, realizada por Alexandre Bergamo, Jacques Mick (Coord.) e Samuel Lima em 2012, apontou que as mulheres jornalistas formadas são maioria, representando 64% dos profissionais. Porém, no Dia Internacional da Mulher, 8 de março, dados colhidos pelo Workr - plataforma corporativa desenvolvida pelo Portal Comunique-se, mostraram que em 2019 apenas 15 mil mulheres estão empregadas em veículos de comunicação, representando cerca de 37% do mercado de imprensa no país.

Isso mostra que os homens ocupam a maioria dos cargos ativos, sendo eles majoritários como empresários, executivos, em cargos em revistas, jornais, agência de notícias, rádios e na internet. A mesma pesquisa mostra que dentro da carreira ainda há diferenças de gêneros, por exemplo, em relação ao piso salarial em 2000, sendo 5,09% inferior aos dos companheiros de profissão.

Santos e Temer (2006) discorrem sobre as dificuldades das mulheres em outros âmbitos da sociedade que acabam afetando a sua carreira profissional por diferenças de gênero.

O Relatório Anual Socioeconômico da Mulher 2014, que reflete o panorama brasileiro, aponta que “os afazeres domésticos e de cuidado dificultam seu acesso e permanência [da mulher] no mercado de trabalho, bem como a sua ascensão profissional”. A dupla jornada de trabalho é resultante da divisão de trabalho, na qual a mulher está vinculada, ao mundo familiar e doméstico. Essa situação acarreta em

prejuízos à vida profissional, uma vez que as mulheres enfrentam uma sobrecarga, resultante da vida no trabalho e dentro da casa, cristalizando uma “assimetria” que impede mudanças nos “lugares ocupados” na família e fora dela. (SANTOS e TEMER, 2015, p.16).

Deste modo, a mulher assume papéis e funções que foram impostas e cristalizadas ao decorrer dos séculos, e quando inseridas no mercado de trabalho, enfrentam problemas envolvendo respeito e aceitação.

Isso também acarretou na ideia de que as mulheres jornalistas tinham que escrever para as outras ao longo das décadas, carregando consigo discriminações ao seu próprio gênero por estarem inseridas em um ciclo vicioso de violência simbólica.

Por causa de uma construção que foi criada e perpetuada ao longo da história pela própria imprensa, Buitoni (2009), disserta como a imprensa feminina escreve sobre outras mulheres e mostra como ela é formadora de opinião e preconceitos em cima de um mesmo objeto a ser explorado: a mulher. Dentro e fora do jornalismo. Tornando-a mercadoria e trazendo à tona certos preceitos patriarcais, conservadores e machistas.

Mesmo com as mudanças sociais das últimas décadas, do aumento visível do feminismo e da inserção das mulheres no mercado de trabalho e no caso, jornalístico, 65% das entrevistadas para a pesquisa “Mulheres no Jornalismo Brasileiro” afirmaram que os homens ainda predominam cargos de chefia nos veículos de comunicação. Das entrevistadas, 92,3% afirmaram ter ouvido piadas machistas e 83,6% das jornalistas afirmaram ter tido sua competência questionada ou visto uma colega ter a competência questionada por colegas ou superiores. Já as “cantadas” de colegas de profissão do sexo masculino representaram 46,3% da pesquisa.

## **1.2 Assédio no mercado de trabalho e suas consequências**

A jornalista e pesquisadora Janaina Moro, realizou um trabalho que releva importantes pontos sobre assédio sexual na carreira de jornalistas. Na sua tese de mestrado, intitulada “O impacto do assédio sexual e da discriminação de gênero na trajetória profissional de mulheres jornalistas”, foi revelado como essa prática é naturalizada e algo considerado “sutilezas do dia a dia”. E entre os impactos sofridos estão: impotência diante da situação, o

silenciamento da vítima e do assédio em si, humilhação e ter que passar por tudo isso para manter o emprego. Além de depressão, vergonha e sentimento de culpa.

Segundo a matéria do Observatório da Imprensa, onde foram divulgados os resultados dessa pesquisa, para a Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE), “o assédio pode provocar estresse, irritabilidade, perda de autoestima, ansiedade, depressão, apatia, [...] e problemas digestivos, levando, até mesmo, a casos de suicídio.”

Outra questão relevante do trabalho foi mostrar a questão da discriminação de gênero em algumas áreas do jornalismo consideradas como estritamente masculinas, como no esporte.

A revista semestral da ESPM retratou em uma grande reportagem uma série de matérias sobre assédio, discorrendo sobre canais e denúncias não eficazes, consequências no mercado jornalístico e do entretenimento nos Estados Unidos. Já no Brasil, a reportagem intitulada “Assédio é sobre poder; combate é coletivo”, de Eleonora de Lucena, que foi editora-executiva da Folha de S. Paulo (2000-2010), fala sobre a trajetória da mulher no jornalismo brasileiro, as editorias que podiam trabalhar no passado e salários injustos. Um ponto reforçado foi a naturalização do assédio dentro do jornalismo brasileiro e sobre o poder do homem, hierarquicamente falando, em cima da mulher. Nesse caso, discorre do fato em que “não aceitar” ou se rebelar ao assédio, as consequências na profissão ficam claras; como não receber as melhores pautas, deixar de assinar textos, tem que repassar pautas para outros colegas e até sobre folgas no trabalho, e no mais extremo, a demissão. E já “aceitar” o assédio pode ajudar na promoção da mulher dentro da profissão. “O lado mais fraco fica encurralado, dependente, sem voz. O lado mais forte parece incontestável, absoluto, imbatível.” A reportagem ainda cita o medo em denunciar casos de assédio, e empresas, como a jornalísticas, temem e dependem muito da credibilidade, então a transparência e denúncia, para eles, podem gerar prejuízos econômicos. A jornalista fala também sobre o perfil dos assediadores dentro do mercado jornalístico, com “ideário machista e conservador”, e sobre as redações, “vergonha realidade dos subterrâneos das redações”.

Uma reportagem do jornal O Globo, em 14 de janeiro de 2018 –“Assédio no mercado de trabalho dificulta ascensão de mulheres nas empresas” - várias executivas de sucesso contaram como o assédio está presente no dia a dia no mercado de trabalho, e que algumas mulheres, inclusive, desistem da profissão por isso.

Ainda nessa matéria, as práticas do assédio, conta Fabiana Bastos, procuradora do Estado de Goiás, como são tratadas “socialmente toleráveis, tidas como brincadeiras e elogio”. Entre 2007 e 2017 foram 168.965 denúncias registradas em 229 empresas, de um total de 250, segundo a Consultoria Proviti, empresa que instala e administra canais de denúncias em empresas. A mesma reportagem utilizada no item Assédio no Mercado de trabalho, do O Globo (2018), relata alguns casos de como o assédio interfere na carreira profissional das mulheres “O assédio ataca a autoestima, fazendo a mulher perder a crença em si mesma. A baixa confiança leva a mulher a deixar uma posição de trabalho que tinha por não suportar práticas de assédio”.

### **2.3 Podcast**

De acordo com Luiz e Assis (2010) “*podcasts* são programas de áudio cuja principal característica é um formato de distribuição direto e atemporal chamado *podcasting*”. A palavra *podcasting*, é uma junção do prefixo “*pod*” e o sufixo “*casting*”. O primeiro vem do aparelho mais popular para consumo de mídia digital, o *iPod*, fabricado pela empresa norte americana Apple, e o segundo da expressão “*broadcasting*”.

Segundo Primo (2005) “*podcasting* é um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet”. Sendo que sua distribuição não coincide com a escuta, se mostrando também uma mídia com conteúdo específico, direcionado, segmentado, disponível a qualquer momento e para qualquer pessoa. O que se difere da rádio, que é produzida e propagada em tempo real.

Após gravar a versão final do programa em um arquivo de áudio (normalmente em formato MP3), o podcaster o envia para um servidor. É preciso também fazer o upload de um arquivo RSS (Real SimpleSyndication) . Este pequeno arquivo de texto, escrito na linguagem XML, permite que software chamados de “agregadores”



possam ser “avisados” quando um novo episódio do podcast foi publicado, disparando seu download automático. (PRIMO, 2005, p.5)

Para Herschmann e Kischinhevsky (2008), um fator de sucesso e “sedução” nos *podcasts* é a ausência de regras rígidas, “não há padrões de locução ou restrições em termos de linguagem e temas abordados”. E para Lopes (2005) “No *podcast* temos liberdade de produção de conteúdo, algo cada vez mais raro no rádio”.

O fato de a maioria dos podcasts brasileiros surgir por iniciativas pessoais e voltada a nichos não valorizados pela — mídia de massa faz com que dê suporte para o acesso à comunicação de setores que outrora eram marginalizados nesse contexto (LUIZ, 2014, p. 19).

Lopes (2005), ainda discorre que, no Brasil, o primeiro *podcast* foi iniciado em outubro de 2004 - o Digital Minds - produzido por Danilo Medeiros. Em 2005 foi organizada a Associação Brasileira de Podcast (ABPod), durante a primeira edição da Conferência Brasileira de Podcast (PodCon Brasil). Depois de uma queda nessa mídia nos anos seguintes, chamada de “*podfade*”, dando fim a diversos *podcasts* em todo mundo, mas no Brasil, o crescimento retornou em 2008.

Inicialmente, os *podcasts* eram, na maioria, seqüências de músicas da predileção do internauta. Mas, rapidamente, os programas/ episódios passaram a se sofisticar, mesclando locuções, efeitos sonoros, trilha. Na maioria dos casos, os conteúdos permanecem presos aos formatos de programas do rádio analógico. Contudo, vêm ganhando força outras formas de expressão que transcendem a gramática das emissoras comerciais, como a veiculação de análises, palestras, debates (KISCHINHEVSKY e HERSCHMANN, 2008).

Em 2018 o número de ouvintes de *podcasts* era composto majoritariamente por homens, representando 84% do público, segundo a pesquisa da Associação Brasileiro de Podcasters (ABPod). Já em 2019, o novo levantamento divulgou que esse número caiu para 56%, equilibrando a audiência da mídia entre homens e mulheres.

O IBOPE Inteligência (2019) divulgou alguns dados sobre *podcast* no Brasil durante a Maratona Piauí CBN de *Podcast*. A pesquisa, em que os resultados foram publicados na Revista Piauí, revelou que 40% dos internautas do Brasil, cerca de 50 milhões de pessoas, já ouviram *podcasts*. Sobre hábitos dos ouvintes e preferências, no geral, o público consome essa mídia entre

deslocamentos urbanos e fazendo atividades, como limpeza da casa. Além de preferirem episódios curtos e objetivos.

16 milhões de pessoas escutam com uma frequência de três a cinco vezes por semana, e 21,5 milhões tem o hábito de ouvir pelo menos uma vez a cada sete dias. O perfil dos ouvintes é de majoritariamente jovem, de 16 a 24 anos, representando 47%.

Três em cada quatro pessoas consomem *podcasts* pelo aparelho celular, e as plataformas mais utilizadas, em ordem, são: *Youtube* (42%), *Spotify* (32%), *Googles Podcasts* (7%), *Apple Podcasts* (5%), *Soundcloud* (3%) e *Deezer* (3%).

## **2. Desenvolvimento da peça**

### **2.1 Escolha do tema e da peça**

A escolha do tema foi sendo construída na minha formação como mulher e jornalista, durante a faculdade de jornalismo, que teve início em 2016. Eu sempre acompanhei as notícias e denúncias sobre assédios cometidos contra jornalistas e, em 2019, na aula de projetos com a professora Denise, eu tinha acabado de ler uma matéria especial na revista de Jornalismo da ESPM, “Vamos falar de assédio”. Essa grande reportagem, que fala sobre denúncias, desigualdade de gênero e ambiente de trabalho para jornalistas nos Estados Unidos e Brasil, me incentivou a continuar buscando informações sobre o tema e me pareceu propício, sendo que seria um conhecimento e luta dentro do próprio mercado de trabalho que eu ia entrar como mulher e jornalista em breve.

E tudo isso se fortaleceu para virar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com uns dos movimentos que, quando fui pesquisar para dar início aos trabalhos, estava em crescimento na internet – o movimento sobre o assédio no mercado de trabalho jornalístico, pelo coletivo “Jornalistas Contra o Assédio”.

Na época de início do meu projeto, já havia surgido um movimento semelhante, o “Deixa Ela Trabalhar”, e tinha sido divulgada a pesquisa *Mulheres no Jornalismo Brasileiro*, em 2018.

Com essa bagagem e panorama sobre o assunto, eu quis dar continuidade ao tema de alguma forma, para que pudesse dar sequência a esses projetos, já que, infelizmente, é algo corriqueiro.

Depois, no fim de 2019, já fazendo esse trabalho, fui assediada por um comentarista de esportes durante uma visita a sede da ESPN em São Paulo, o que me deu mais garra para disseminar o tema e fazer esse trabalho.

Já existem monografias que geraram outras pesquisas, grandes reportagens, material em vídeo e etc sobre o assunto, então minha proposta foi fazer um trabalho mais atual em questão de mídia, e tão disseminado atualmente no Brasil: o *podcast*.

Como ouvinte assídua de *podcasts* dos mais diferentes gêneros, a escolha da mídia foi como uma aventura em desbravar algo que eu pouco tinha me envolvido durante o curso de jornalismo, porém que tenho grande afeição.

Percebi também, desde o início da minha graduação, que o *podcast* foi ganhando espaço no cotidiano das pessoas como fonte de informação e cultura, e na minha vida também.

Para mim, fez muito sentido produzir algo que as pessoas pudessem ouvir a qualquer momento; seja dentro do carro, indo para a aula, durante o trabalho ou até mesmo antes de dormir, sem estabelecer um tempo específico para ouvi-lo e que pudesse se encaixar na rotina de cada ouvinte, ou seja, um conteúdo *on demand*. Outro ponto durante a pesquisa foi perceber que no formato *podcast* esse assunto foi muito pouco explorado.

A princípio queria produzir algo que eu pudesse continuar academicamente, mas percebi que o *podcast* também me dava essa opção de continuar esse trabalho de um modo mais atual e dinâmico. Isso me deu liberdade para ter um ambiente de interação e aprendizado entre mulheres sem julgamentos, culpa ou discriminação. Podendo ter um conteúdo que promove união, troca de experiências, sororidade feminina e luta para um ambiente de trabalho sem violência.

Considero que essa escolha além de manter os gêneros jornalísticos, se enquadra nos modelos de sociedade atual de disseminação de informação, sem perder qualidade no conteúdo ou relevância.

## 2.2 Estilo e linguagem da peça

O estilo da peça é o debate. Com as limitações presenciais devido à pandemia, e a questão do tempo total designado para a peça imposto pelas normas do TCC, decidi fazer um debate para unir todas as fontes uma única vez, em uma gravação realizada via vídeo-chamada. No primeiro episódio o foco ficou em debater aspectos psicológicos que o assédio causa na mulher e no exercício da profissão. No decorrer da entrevista, percebi que o assunto deu ganchos para outros tópicos dentro de um mesmo tema, que podem ser expandidos em outros episódios, o que é meu objetivo após a entrega do projeto ao CCL (Centro de Comunicação e Letras) e apresentação para a banca.

A linguagem e o diálogo foram conceitos muito importantes para a construção da peça. O intuito de reunir jornalistas que já sofreram assédio para falar sobre o assunto, criou um ambiente confortável para a conversa de um tema que, muitas vezes, pode ser algo difícil de lidar psicologicamente e de não querer expor publicamente.

Acredito que essa forma de abordagem, o debate, deu voz às mulheres assediadas e as deixou mais à vontade para dialogar umas com as outras, dividindo experiências, o que gerou identificação e um ambiente seguro para compartilhar angústias, pensamentos e aspirações.

O público do *podcast* são as mulheres jornalistas, então dividir e falar umas com as outras e, para as outras, sobre relatos de assédio, foi algo fundamental para buscar aproximação com as ouvintes. Algo que poderia ser muito mais pesado de dialogar se tornou tão simples e de fácil interação.

O episódio foi dividido entre reportagem de abertura, que apresentou dados sobre assédios cometidos contra jornalistas e deu um tom mais sério e embasado com dados ao assunto, e o debate.

Apesar do tema ser algo específico, para um determinado nicho – mulheres e jornalistas - a linguagem é informal, informativa e com tom de alerta para outras jornalistas e mulheres inseridas em qualquer mercado de trabalho. O *podcast* deu lugar de fala às mulheres invés de focar em assediadores e abriu margem para outras discussões como o machismo.

## 2.3 Pauta e fontes

Dentre todas as abordagens que eu poderia explorar dentro de um mesmo tema, percebi a necessidade de falar sobre as consequências do pós-assédio, como isso afeta as mulheres e é naturalizado equivocadamente.

Todas as pesquisas e referências usadas para construção e embasamento da peça descrevem muito sobre o assédio em si, denúncia e agressores, um assunto delicado e muitas vezes constrangedor para as vítimas. Com isso, a decisão sobre o foco do trabalho foi pautada em criar um ambiente saudável para diálogo, liberdade de expressão e dar voz para as mulheres falarem sobre o assunto.

Com o *podcast* percebi que é possível aprofundar o tema de diversas formas, e já que não foi exposto o rosto das fontes, apenas vozes, fez com que elas se sentissem mais confortáveis em compartilhar suas histórias no nível que achassem prudente ao decorrer da gravação.

O primeiro episódio, sobre as consequências que o assédio causa no psicológico e no exercício da profissão de jornalistas, foi discutido esses fatores e outros como: desistência da profissão, necessidade de trabalhar, brincadeira versus assédio, o que é assédio, denúncia e sororidade feminidade.

As fontes foram obtidas por meio de um grupo no *Facebook* chamado: Mulheres Jornalistas Contra o Assédio, o que facilitou a busca direta por mulheres jornalistas que já passaram por essa situação. O acesso ao grupo facilitou que as mulheres expusessem seus casos previamente para mim, via *WhatsApp*, e aceitassem falar sobre o pós assédio em um *podcast*.

Convidei três fontes de três estados do Brasil para o debate. O critério para a escolha das fontes foi: uma jornalista assediada por fonte, uma assediada por colega de trabalho e outra assediada por superiores. Todas as fontes acabaram se enquadrando em mais de um desses critérios pré-estabelecidos.

Minhas fontes foram: Ivy Farias, jornalista freelancer de São Paulo, Pollyane Marques, jornalista da TV Brasil residente em Brasília, e Laís Emanuelle Borba de Brito bolsista CAPES em mestrado de Estudos da Mídia. Mulheres que já sofreram assédio durante o exercício da profissão mais de uma vez.

## 2.4 Equipe

A equipe de produção desse trabalho contou com quatro integrantes: eu, que fiz toda a pré-produção e roteiro - além da construção do site via *Wix* e artes, feitas com auxílio do site *Canva* para alocar o podcast e a história de realização do projeto. Lucas Abrunhosa, engenheiro de áudio, para sonoplastia, edição do material, e trilha (*YouTube Áudio Library*). Minha mãe, Mirian, professora de Língua Portuguesa que revisou a gramática deste relatório. E Maria Gabriela Maglio, minha amiga pessoal e jornalista, que revisou também a gramática e o conteúdo.

## 2.5 Disponibilização

O *podcast* “+1 Jornalista Contra o Assédio” tem duração de vinte minutos, para se enquadrar nas normas do TCC, porém, nos próximos episódios, pretendo estender para até 40 minutos, assim, a dinâmica pode ser mais bem aproveitada. Também pretendo estabelecer uma periodicidade mensal. A disponibilidade a princípio é feita pelo meu site no Anchor, uma plataforma gratuita de criação e distribuição de *podcasts* para outras plataformas de áudio: *Spotify*, *Google Podcasts*, *Pocket Casts*, *RadioPublic*, *Breaken*. (<https://anchor.fm/rafaela-pelozi-de-menezes>). Também disponibilizei o *podcast* no meu perfil pessoal no *SoundCloud*, onde o link está disponível no meu site via *Wix* (<https://rafaelapelosi.wixsite.com/maisumajornalista>), criado especialmente para o TCC e contendo informações sobre o conteúdo e resumo do projeto, e as plataformas disponíveis para ouvi-lo.

## 3. Considerações finais

A execução deste projeto de Trabalho de Conclusão de Curso me trouxe um panorama do cenário de assédio no mercado de trabalho, sua frequência e como as mulheres se sentem; reforçando algumas questões levantadas no Referencial Teórico e alçando o objetivo de sinalizar como esse tipo de violência afeta as jornalistas, e qualquer mulher, no ambiente de trabalho.

Mostrando que a discussão sobre machismo, assédio e desigualdade entre os sexos é extremamente necessária e pertinente para evolução da nossa sociedade como um todo.

Me senti totalmente abraçada e protegida pelas fontes que se dispuseram a contar seus relatos e relembrar de fatos que as deixaram extremamente fragilizadas, e como uma mulher pode e deve ajudar sua semelhante nesses casos. Reforçando o que eu acredito sobre a união e enfrentando das mulheres sobre o assédio no mercado de trabalho. Citando Eleonora de Lucena na reportagem da Revista da ESPM já mencionada nesse trabalho: “Se assédio é sobre poder, o combate a ele também é. A guerra só será vencida coletivamente”.

Acredito que pesquisar sobre a trajetória das mulheres no jornalismo brasileiro mostrou como desde o início, a inserção no mercado foi desigual e preconceituosa se tratando em questões de gênero, e como inseridas nesse mercado, que antigamente era predominado por homens, resultaria em assédio. Explorar campanhas contra o assédio a jornalistas me trouxe um panorama da gravidade da situação, e citar pesquisas como: “O impacto do assédio sexual e da discriminação de gênero na trajetória profissional de mulheres jornalistas” de Janaina Mouro e “Mulheres no Jornalismo Brasileiro”, demonstrou o quanto isso afeta e pode desestabilizar qualquer mulher, deixando clara a relevância do assunto.

As dificuldades que encontrei durante o caminho foram devido à pandemia. Meu trabalho era para ser concluído semestre passado, porém além de problemas técnicos como internet ruim no interior de São Paulo para gravação e alta demanda de *home-office* no trabalho, as fontes previamente escolhidas desistiram de participar devido a demanda de trabalhos que receberam recorrente ao *Coronavírus*, o que tinha me limitado também a escolher fontes da cidade de São Paulo, porque as mesmas gravariam presencialmente no estúdio do CCL juntamente a mim. Então, com as novas fontes escolhidas e com a possibilidade de usar o estúdio de rádio do CCL por estar trabalhando no NPDA (Núcleo de Produção e Desenvolvimento Acadêmico, vulgo TV Mackenzie), aproveitei para gravar com o notebook dentro do estúdio, conectado a mesa de som, para tentar captar o melhor áudio possível durante a gravação. Outra dificuldade foi achar fontes que aceitassem falar sobre o

assunto por conta de vergonha, constrangimento e medo, mas consegui três jornalistas incríveis que se dispuseram a compartilhar suas histórias para ajudar outras mulheres.

O que acho que faltou no meu TCC foram mais trabalhos sobre a peça *podcast*. Com a minha pesquisa percebi que diversos autores usam como base um mesmo autor, artigo ou livro. E o site da Associação Brasileira de Podcasts (ABPod) também está com várias instabilidades para conseguir acessar dados.

E apesar da minha desistência, até mesmo pessoal, no semestre anterior, tive total apoio do meu orientador Fernando Pereira, que agarrou todas as mil ideias e mudanças que eu tinha para execução deste trabalho da melhor forma.

Já mencionei anteriormente, porém gostaria de reforçar a continuidade desse trabalho. Além da missão de informar e a importância de alertar, poder dar voz às mulheres que sofreram assédio e discutir algo que me afeta, e pode me afetar ainda diretamente, foi como ter forças para seguir sem medo na profissão, apesar de qualquer coisa. Sendo que percebi que a o assunto da margem a outros milhares de assuntos.

As mulheres estão sujeitas ao assédio em qualquer profissão, disso tenho certeza, porém, o intuito em falar do meio jornalístico, principalmente por ser o meio que estou inserida, foi para enfatizar que as mulheres ainda são menosprezadas em algumas áreas da profissão e que o ciclo vicioso do assédio continua, e que as mesmas precisam de voz. E também por achar incrível a oportunidade de usar o próprio meio que sofreu o assédio para denunciá-lo, o que pode abrir porta para outras profissões começarem a fazer isso.

Espero que de alguma forma este trabalho contribua nesta luta que é minha e de todas as mulheres de algum modo.

#### **4. Referências Bibliográficas**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS (ABPod). **PodPesquisa 2018**. 2018. Disponível em: <<http://abpod.com.br/media/docs/PodPesquisa-2018.pdf>>. Acesso em: 8 mai. 2020.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS (ABPod). **PodPesquisa 2019**. 2019. Disponível em: <<http://abpod.com.br/media/docs/PodPesquisa-2019.pdf>>. Acesso em: 9 mai. 2020.

BERGAMO, Alexandre; MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro – características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Núcleo de Estudos sobre Transformações no Mundo do Trabalho, Universidade Federal de Santa Catarina; FENAJ C&S – São Bernardo do Campo, v. 38, n. 3, p. 35-58, set./dez. 2016 56 Marli dos Santos, Ana Carolina Rocha Pessoa Temer – Federação Nacional dos Jornalistas. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:vQvfIEPD5T8J:perfil DOJornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

BITTONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Loyola, 1981.

CANAL OFICIAL, #JornalistasContraoAssédio. **#jornalistascontraoassédio**. Youtube. 20 jun 2016. (1m56s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z52Nh-E6k6s>>. Acesso em: 25 set. 2020.

CUNHA, Maria Luciana Garcia. **A percepção social da violência psicológica contra a mulher**. Estudo aplicado de um instrumento de pesquisa. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo “Especialização em Pesquisa de Mercado Aplicada em Comunicações”. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/pospesquisa/monografias/Maria%20Luciana%20Garcia%20Cunha.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

#Deixaelatrabalhar. **#deixaelatrabalhar**. Twitter. 25 mar 2018. (1m00s). Disponível em: <<https://twitter.com/deixaelatrab/status/977940367982125061>>. Acesso em: 22 out. 2020.

HERSCHMANN, M., & KISCHINHEVSKY, M. 2009. **A "geração podcasting" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento**. *Revista FAMECOS*, 15(37), 101-106. Disponível em:<<https://doi.org/10.15448/1980-3729.2008.37.4806>>. Acesso em: 13 jul 2019.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Mulheres jornalistas na imprensa brasileira**. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande – MS. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/151284998075557168343153827227545496185.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2019.

LOPES, Leo. **Podcast: guia básico**. Rio de Janeiro: Marsupial Editora, 2015.

LUCENA, Eleonora de. **“Assédio é sobre poder; combate é coletivo”**. *Revista de Jornalismo ESPM - Edição Brasileira na Columbia Journalism Review* – “Vamos falar de Assédio”. São Paulo, Editora ESPM, ESPM JAN/JUN 2018. nº21, ano 7. p. 30-33. Disponível em: <<https://arquivo.espm.edu.br/revista/jornalismo/2018-jan-jun/#zoom=z>>. Acesso em: 3 mar de 2020.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. **O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais**. In: INTERCOM, 33., 2010, Caxias do Sul. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2020.

LUIZ, Lucio. **Breve história do podcast no Brasil e no mundo**. In: LOPES, Leo. **Podcast: guia básico**. Rio de Janeiro: Marsupial Editora, 2015. p. 14-19.

LUIZ, Lucio. **Reflexões sobre o podcast**. Rio de Janeiro: Marsupial Editora, 2014.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

**Mulheres no Jornalismo Brasileiro**. Disponível em: <[https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901\\_GN\\_relatorioV4.pdf](https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2019.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **Pesquisa revela naturalização do assédio contra jornalistas e falta de canais para denúncias**. Equipe Observatório da Imprensa. Edição 1078. 10 de mar 2018. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/pesquisas/pesquisa-revela-naturalizacao-do-assedio-contra-jornalistas-e-falta-de-canais-para-denuncias/>>. Acesso em 05 jun. de 2020.

O GLOBO. **Assédio no trabalho dificulta ascensão de mulheres nas empresas**. Rio de Janeiro: Organizações Globo, 2018. Diário. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/assedio-no-trabalho-dificulta-ascensao-de-mulheres-nas-empresas-22285265>>. Acesso em 04 de maio de 2019.

PRIMO, Alex F.T. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting**. In: Intexto. Porto Alegre, n. 13, 2005.

PORTELA, Monique Ryba. **Percepção do assédio moral e sexual contra mulheres jornalistas em Curitiba**. Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, do Setor de Artes, Comunicação e Design, como requisito parcial à conclusão do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/56614/PERCEPCAO%20O%20ASSEDIO%20MORAL%20E%20SEXUAL%20CONTRA%20MULHERES>>

%20JORNALISTAS%20EM%20CURITIBA%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

**Relógios da Violência.** Disponível em: <<https://www.relogiosdaviolencia.com.br/#>> . Acesso em: 11 mar. 2019.

REVISTA PIAUÍ. **Quatro em cada dez internautas já ouviram podcast no Brasil.** 2019. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/quatro-em-cada-dez-internautas-ja-ouvirem-podcast-no-brasil>>. Acesso em: 16 out, 2020.

RIBEIRO, J.H. **Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham lauda (terminais) câmeras e microfones.** São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1998.

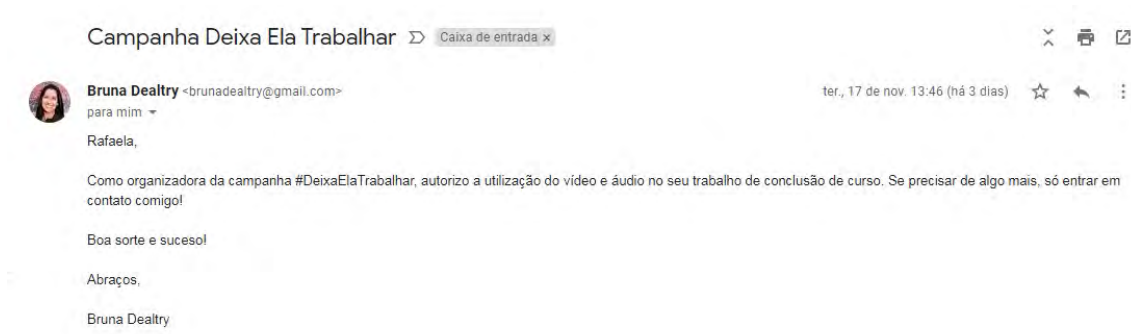
ROCHA, Paula Melani. **“A Profissionalização no Jornalismo e o mercado de trabalho para mulheres no Estado de São Paulo”.** Revista Jurídica Eletrônica UNICOC, número 02, outubro de 2005.

SANTOS, Marli dos. TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Jornalismo no feminino: a mulher jornalista, subjetividades e atuação profissional.** C&S – São Bernardo do Campo, v. 38, n. 3, p. 35-58, set./dez. 2016.

#### **Apêndice I – Autorização do uso de voz**

<https://soundcloud.com/rafapelosi/autorizacao-de-voz-podcast-tcc/s-inylbHmjAm>

#### **Apêndice II – Autorização de uso: trecho do vídeo e campanha “Deixa ela trabalhar” no *podcast***



## Apêndice III – Autorização de uso: trecho do vídeo e campanha “Jornalistas Contra o Assédio” no *podcast*

